
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL DOS SUJEITOS

Edenar Souza Monteiro¹

RESUMO

Este estudo trata da identidade num contexto sociocultural destacando a construção da identidade negra e é fragmento da dissertação de mestrado cujo objetivo foi conhecer a percepção de famílias negras e brancas sobre a escola pública. Os autores Woodward (2000), Hall (2000) e Silva (2000) – aportes teóricos – apontam que as discussões que envolvem identidade e diferença, a partir das perspectivas dos Estudos Culturais, estão hoje no centro da teoria social e da prática política. O trabalho foi realizado em duas escolas públicas municipais de Cuiabá/MT. Com metodologia qualitativa e procedimentos metodológicos como: questionário socioeconômico e entrevistas individuais com os membros das famílias, os resultados mostram que esses sujeitos encontram dificuldades para assumirem suas identidades uma vez que o espaço em que eles frequentam está carregado de preconceito e discriminação.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Famílias Negras e Brancas; Discriminação Racial.

ABSTRACT

This study deals with the identity in a socio-cultural context stressing the construction of black identity and is a fragment of the dissertation whose objective was to investigate the perception of black and white families on the public school. The authors Woodward (2000), Hall (2000) and Silva (2000) - theoretical framework - note that the discussions involve identity and difference, from the perspectives of Cultural Studies, are now at the center of social theory and political practice. The work was conducted in two public schools in Cuiabá/MT. With qualitative methodology and methodological procedures as socioeconomic questionnaire and individual interviews with family members, the results show that these individuals find it difficult to assume their identities as their environment is full of prejudice and discrimination.

KEYWORDS: Identity; black and white families; Racial Discrimination.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um fragmento da dissertação de mestrado apresentado ao Instituto de Educação – UFMT – e trata do estudo sobre a identidade num contexto sociocultural destacando a construção da identidade negra.

¹ Mestre em Educação, cursando o Doutorado em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Email: edenar.m@gmail.com



As discussões que envolvem identidade e diferença estão hoje no centro da teoria social e da prática política. Assim, a partir das perspectivas dos Estudos Culturais, os autores Woodward (2000), Hall (2000) e Silva (2000) buscam, de diferentes maneiras, traçar os contornos da questão.

Woodward (2000) trata a identidade como adquirida através da linguagem e dos meios simbólicos. Ainda, destaca a identidade como relacional, tendo em vista sua definição ser reproduzida através da diferença e, conseqüentemente, pela exclusão.

Silva (2000) enfatiza a importância do processo de produção discursiva e social da diferença e defende que identidade e diferença são inseparáveis, interdependentes, mutuamente determinadas, e têm como característica os resultados de atos de criação lingüística, por isso, ficando sujeitas às propriedades que caracterizam a linguagem – se “a linguagem vacila”, “a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade” (p.80).

Hall (2000) concentra-se na discussão da problemática da formação da identidade e da subjetividade. A identidade da pessoa é formada na interação entre o eu e a sociedade. Em concordância com os outros dois autores, Hall também considera que as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela, considerando, pois, as identidades como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (p.112).

IDENTIDADE: CONCEITO E CONSTRUÇÃO

A Identidade neste estudo é tratada num contexto sociocultural, privilegiando as dimensões pessoal e social dos sujeitos. A dimensão pessoal coabita na dimensão social, pois parte-se do princípio de que todo ser, além de fazer parte de um grupo social, convive com vários outros, dessa forma constrói sua identidade através dos vários grupos que convive ou faz parte, como a família, os amigos, a escola, desempenhando papéis diversificados. Nesse intercâmbio relacional, esse sujeito toma consciência de sua unicidade.

Hall (2000), ao analisar como as identidades são construídas, aponta que elas são formadas via comparação com outras identidades, ou relacionadas às diferenças. A construção pelas diferenças aparece sob a forma de pólos opostos. O autor considera esses pólos como oposições binárias que são significantes para a produção do significado. A análise continua na questão da diferença, salientando a sua produção por meio dessas oposições que são consideradas fundamentais para se compreender o processo de construção cultural das identidades.

A construção da identidade, para Woodward (2000:10), “é tanto simbólica quanto social”. A afirmação das identidades sofre conseqüências causadas pelo conflito, turbulência, desgraça social e econômica entre os grupos. A questão da identidade está centralizada em boa parte das discussões educacionais da atualidade. Para que o conceito seja compreendido é preciso examinar as preocupações contemporâneas nessa questão em diferentes níveis. Existem, por exemplo, “preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas; em um conceito mais “local”, existem preocupações com a identidade pessoal”. As mudanças no campo da identidade estão mais acentuadas nas últimas décadas e têm provocado várias discussões, pois essas mudanças chegam a ponto de produzir uma “crise de identidade”.

“Identidade” e “crise de identidade” são consideradas por sociólogos e teóricos como características das sociedades contemporâneas, e se tornam problemas quando estão em discussão, em contraste. A “crise de identidade” pode ser analisada de várias formas. Uma delas pode ser a desestabilização ou separação de determinados grupos étnicos, causando a afirmação de novas e renovadas identidades e a busca por identidades supostamente perdidas. Outra possibilidade de afirmação de uma determinada identidade é buscar sua legitimidade nas referências de um suposto e verdadeiro passado (WOODWARD, 2000, p. 23).

Ainda com base em Woodward (2000), a afirmação política das identidades exige uma forma de autenticação que é feita por meio de reivindicação da história de um grupo cultural em questão.

Em seu ensaio “Identidade cultural e diáspora” (1990), Stuart Hall examina diferentes concepções de identidade cultural, procurando analisar o processo pelo qual se busca autenticar uma determinada identidade por meio da descoberta de um passado supostamente comum (WOODWARD, 2000, p. 27).

Ao analisar como as identidades são construídas, Hall (2000), aponta que elas são formadas via comparação com outras identidades, ou relacionadas às diferenças. A construção pelas diferenças aparece sob a forma de pólos opostos. O autor considera esses pólos como oposições binárias que são significantes para a produção do significado. A análise continua na questão da diferença, salientando a sua produção por meio dessas oposições que são consideradas fundamentais para se compreender o processo de construção cultural das identidades.

Um ponto que Woodward (2000, p. 50) ressalta é sobre a questão da construção negativa da diferença, originada da exclusão ou marginalização de indivíduos considerados como “outros”. Ressalta também que a diferença pode ser concebida como princípio da “diversidade, heterogeneidade e hibridismo”, sendo vista como enriquecedora. Para a autora, a identidade está intimamente ligada à subjetividade que, por sua vez, sugere a compreensão sobre o nosso eu. Nesse sentido,

A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade (Woodward, 2000:55).

A produção da identidade e o investimento pessoal estão envolvidos com a subjetividade que permite uma exploração dos sentimentos por estarem presentes nesse processo de produção. A subjetividade nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos às identidades particulares (WOODWARD, 2000).

A PRODUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE E DA DIFERENÇA

Silva (2000, p. 73) apresenta uma síntese das discussões em torno da identidade e da diferença do ponto de vista da produção social. Segundo ele, essas questões tornaram-se, “nos últimos anos, centrais na teoria educacional crítica, e nas pedagogias oficiais”, embora perceba que, nessas discussões, exista a ausência de uma teoria da identidade e da diferença. Nessa perspectiva crítica o autor discute as questões ligadas à produção social da identidade e da diferença. Em seu ensaio sobre identidade e diferença, aquilo que é e aquilo que não é, ele busca definir “identidade” como simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, etc. Para ele a identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autosuficiente. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença para ele é concebida como uma entidade independente. Em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é mulher”, “ela é homossexual”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe.

A afirmação “sou brasileiro” é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças.

As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. (SILVA, 2000, p. 75).

Em seus comentários sobre linguagem o autor ressalta que identidade e diferença, além de serem interdependentes, partilham uma importante característica: “elas são o resultado de atos de criação lingüística”. Segundo ele, a identidade e a diferença são ativamente produzidas e somos nós que as fabricamos no contexto das relações culturais e sociais (p.76). Sendo a identidade e a diferença resultantes de atos de criação lingüística, significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem.

Refletindo sobre o poder de definir a identidade e a diferença, o autor argumenta que a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva. Elas não são simplesmente definidas, mas sim impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias, elas são disputadas (p.81).

Fixar uma determinada identidade como uma norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. O autor analisa as teorias cultural e social pós-estruturalistas que, segundo ele, têm percorrido os diversos territórios da identidade para tentar descrever tanto os processos que tentam fixá-la, quanto aqueles que impedem sua fixação. Segundo sua análise, os mitos fundadores que tendem a fixar as identidades nacionais são, assim, um exemplo importante de essencialismo cultural (p.83).

A teoria cultural contemporânea tem destacado alguns movimentos que conspiram para complicar e subverter a identidade. Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estritamente associadas a sistemas de representação, onde o conceito de representação tem uma longa história, o que lhe confere uma multiplicidade de significação. O autor aponta que, no registro pós-estruturalista, a representação é concebida unicamente em dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, como uma marca material. Portanto, questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. Ao analisar currículo do ponto de vista da identidade e da diferença, ele afirma que não é difícil perceber as implicações pedagógicas e curriculares dessas conexões entre identidade e representação. A pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os/as jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença.

Em relação às questões “identitárias” o autor relata que, em geral, ao escrever algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, os indivíduos acham que estão simplesmente descrevendo uma situação existente, um “fato” do mundo social, esquecemos que aquilo que dizem faz parte de uma rede mais ampla de atos lingüísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que, supostamente, apenas estamos descrevendo. Segundo ele, quando utilizamos uma palavra pejorativa para nos referirmos a um indivíduo, estamos, na verdade, inserindo-nos em um sistema lingüístico mais amplo, que contribui para reforçar a negatividade atribuída à identidade desse indivíduo. A eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante representação. Em síntese, com base na perspectiva do discurso de identidade e diferença o autor afirma que:

A identidade não é essência; não é um dado ou fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tão pouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. O outro é o outro gênero, outra cor diferente, outra sexualidade, outra raça, outra nacionalidade, outro corpo diferente. (p. 97)

Nos últimos anos, o conceito de “identidade” tem sido submetido a uma severa crítica. Na filosofia, a crítica do sujeito auto-sustentável está no centro da metafísica ocidental pós-cartesiana. No discurso da crítica feminista e da crítica cultural influenciadas pela psicanálise têm se destacado os processos inconscientes de formação da subjetividade. As perspectivas que teorizam o pós-modernismo têm celebrado, por sua vez, a existência de um ‘eu’ inevitavelmente performativo (HALL, 2005).

Quanto ao questionamento sobre quem precisa de identidade, (HALL, 2005) aponta que existem duas formas de se responder a essa questão. “A primeira consiste em observar a existência de algo que distingue a crítica desconstrutiva à qual muitos destes conceitos essencialistas têm sido submetidos”. A outra, a perspectiva “desconstrutiva coloca certos conceitos-chave” “sob rasura”. O sinal de “rasura” (X) indica que eles não servem

mais – não são mais “bons para pensar” – em sua forma original, não-reconstruída. A identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma idéia que pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas (p. 99).

O autor ressalta ainda que, na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal.

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. A identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para “consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui” (p.106).

Quanto à identidade cultural, o autor ressalta que o sujeito fala, sempre, a partir de uma posição histórica e cultural específica. E, ainda, que há duas formas de pensar identidade cultural. A primeira concepção de identidade cultural é aquela na qual uma determinada comunidade busca recuperar a “verdade” sobre seu passado na “unicidade” de uma história e de uma cultura partilhadas que poderiam, então, ser representadas. A segunda concepção de identidade cultural é aquela que ele a vê como uma questão tanto de ‘tornar-se’ quanto de ‘ser’. Isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação. Hall argumenta em favor do reconhecimento da identidade, mas não de uma identidade que esteja fixada na rigidez da oposição binária, tal como as dicotomias “nós/eles”. Ele sugere que, embora seja construído por meio da diferença, o significado não é fixo. A posição de Hall enfatiza a fluidez da identidade. Ele examina de uma forma um pouco mais profunda como o conceito de identidade mudou, segundo ele, do conceito ligado ao sujeito do Iluminismo para o conceito sociológico e, depois, para o do sujeito “pós-moderno”.

No que se refere à etnia, Hall (2005) define-a pelas características culturais - língua, religião, costumes, tradição, sentimento de lugar – que são partilhadas por um povo. Ele afirma que a identidade étnica vai se reconstruindo e se reconfigurando ao longo do processo histórico. Não se pode entendê-la como algo dado, definido plenamente desde o início da história de um povo. Assim, para Hall, o fato de projetarmos a “nós próprios” nas identidades culturais, enquanto internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para vincular nossos sentimentos subjetivos aos lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Oliveira (1996) acredita que a identidade enquanto fenômeno sócio-histórico deve ser pensada como algo que se alterna, e que existe de acordo com o contexto de vida dos sujeitos, levando-se em conta a importância política das posições assumidas. Nesse sentido, para a autora, identidade é entendida como um conjunto fragmentado de papéis que vão sendo construídos através de discursos, práticas e posições.

Neste estudo sobre a identidade, focalizam-se os sujeitos numa perspectiva sociocultural onde são os atores sociais que, através de suas opiniões e comportamentos, promovem a possibilidade de análises e o lugar que ocupam na sociedade. Ao falar de identidade percebe-se que esta se faz presente em vários pontos deste estudo. Porém, onde é mais perceptível diz respeito à cor dos sujeitos. Nesse sentido é pertinente fazer uma comparação entre a autoclassificação dos sujeitos da pesquisa e a classificação da pesquisadora.

Tabela 6

Resumo da autoclassificação das famílias e da classificação da pesquisadora

Classificação das famílias/cor	Pergunta aberta	Pergunta fechada	Classificação da pesquisadora
Negra	02	--	--
Morena escura	01	--	--
Branca	05	05	05
Morena clara	01	--	--
Bem morena	01	--	--
Parda	--	03	--

Preta	--	02	05
-------	----	----	----

O número de famílias corresponde a 10

Quanto à pergunta aberta, os sujeitos se autotransformaram como: negro, moreno escuro, branco, moreno claro e bem moreno. Porém, quando se propôs a pergunta fechada apareceram respostas como: branco, preto e pardo. Na classificação da pesquisadora os pardos foram classificados como pretos, devido à clara percepção dos traços fenotípicos, como a textura do cabelo, a cor da pele e tipos de lábios e nariz. Percebeu-se então que esses sujeitos têm consciência de suas origens, porém demonstram viver em um conflito interno provocado por pressões externas – sociais – que podem gerar crises de identidades. Isso, porém, não significa negá-la. Suas ações são entendidas mais como um mecanismo de defesa do que como negação. Hall (2000) aponta que a identidade não é algo estático e imutável e que o indivíduo, desde a infância, é introduzido num universo cultural onde as interações com seu grupo de origem determinarão a consciência de si.

Silva (1996) chama atenção para os processos de mudanças trazidos pela globalização e pelas transformações sócio-históricas das últimas décadas, que afetaram o modo como as pessoas passaram a se representar.

Ao tratarmos da construção da identidade negra nos remetemos à condição da criança negra no espaço escolar, que diariamente enfrenta situações conflituosas que ferem e constroem a sua imagem. Retomando algumas falas da pesquisa, percebe-se que é difícil, senão impossível, conviver permanentemente com esse conflito. O resultado é que a criança negra sofre severamente com esse problema. Torna-se, portanto, improvável que ela consiga construir uma identidade positiva.

Referindo-se à percepção da criança negra sobre o preconceito e a discriminação racial, Cavalleiro (2006:98) ressalta que: “Essa percepção compele a criança negra à vergonha de ser quem é, pois isso lhe confere participar de um grupo inferiorizado dentro da escola, o que pode minar a sua identidade”. Nesse sentido “a consciência racial se for apreendida negativamente pode interferir na construção da identidade daqueles que sofrem com o preconceito e a discriminação racial no seu espaço social”.

Várias pesquisas sobre a identidade têm comprovado a existência de discriminação racial no espaço escolar e isso tem comprometido a construção da identidade do grupo negro. “A escola tem perpetuado desigualdades de tratamento e minado efetivas oportunidades igualitárias a todas as crianças. Sabemos não ser a transformação da sociedade tarefa apenas da educação. Mas esperamos que ela acompanhe as transformações sociais e as mudanças históricas” (CAVALLEIRO, 2006, p. 99).

Com relação à identidade negra, Oliveira (1996) afirma que os afro-descendentes negam sua identidade negra, respondendo positivamente ou submetendo-se passivamente à violência racista, que é constante; essa circunstância, segundo Oliveira, chega a ser dotada de crueldade, porque o negro deseja o corpo branco e rejeita o próprio corpo negro, tornando-se vulnerável a sentimentos negativos como o ressentimento e a baixa auto-estima.

Como nos mostra Oliveira (1996) em seu estudo sobre desigualdades raciais, dados empíricos transformam-se em via privilegiada para tomar distância das formas consagradas de enunciar os problemas em ciências sociais, mostrando como essas teorias contribuem para a construção da realidade social e iluminam as formas mais gerais da vida social. Esse "pensamento" é uma das características mais notáveis do trabalho da autora, e lhe confere uma enorme atualidade, sugerindo caminhos para criticar e reformular algumas das questões que organizam a agenda da ciência social contemporânea em torno de expressões como exclusão, socialização ou violência, que também podem ser aplicadas neste estudo que foi desenvolvido junto às Famílias Negras.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Ao tratarmos da construção da identidade negra nos remetemos à condição da criança negra no espaço escolar, que diariamente enfrenta situações conflituosas que ferem e constroem a sua imagem. Retomando algumas falas da entrevista, percebe-se que é difícil, senão impossível, conviver permanentemente com esse conflito. O resultado é que a

criança negra sofre severamente com esse problema. Torna-se, portanto, improvável que ela consiga construir uma identidade positiva.

Pinho (2004, p. 127), ao se referir à identidade da criança negra, em sua pesquisa que envolve a percepção de professores de Educação Física sobre alunos negros aponta que a construção da “identidade racial e pessoal deve ser uma confusão muito grande, sem contar as conseqüências negativas que levam à baixa-estima” que, conseqüentemente irão interferir no seu desempenho escolar e na sua auto-aceitação.

Algumas crianças relataram o descaso e o silêncio dos profissionais da educação quando elas reclamavam dos conflitos travados com os colegas. Mesmo se for considerado os atos dos profissionais como inconscientes em relação às queixas das crianças negras, ainda assim suas atitudes as magoam e marcam, provavelmente para toda a vida.

Analisando os relatos das crianças em relação à postura do professor, Silva Filho (2006, p. 114) ressalta que:

Os professores devem dominar esse fato para desmistificá-lo e chamar a atenção dos alunos para essa questão, mostrando que ela interfere na composição da identidade, da representação coletiva e da auto-estima dos afro-brasileiros. Ter conhecimento da riqueza material e cultural da África pré-colonial é essencial para que isso aconteça.

Gonçalves (2006), em sua pesquisa referente a percepções de professores sobre o desempenho escolar de alunos negros, constatou que os alunos são classificados pelos professores como “bons” e “fracos”, e no universo dos fracos o negro aparece em maior número. E constatou ainda que, além de representar maior número entre os alunos fracos, os negros são vistos pelos professores como alunos sem possibilidade de progresso nos estudos.

Com relação a este estudo, os dados das entrevistas e das manifestações através de desenhos, demonstraram que as crianças negras além de perceberem as diferenças existentes no espaço escolar, perceberam também o tratamento diferenciado destinado a elas pelos adultos e pelos colegas. A existência de discriminação racial dentro da escola

confere à criança negra a incerteza de ser aceita por parte dos profissionais da educação e dos colegas.

Baseando-se em estudos já existentes, que abordam a condição da criança negra no espaço escolar e no relato das crianças deste estudo, percebe-se que:

A escola, [...], representa um espaço que não pertence, de fato, à criança negra, pois não há sequer um indício de sua inclusão, exceto a sua presença física. Ali ela é destituída de seus desejos e necessidades específicos: reconhecimento da sua existência e aceitação como indivíduo negro, provimento de alternativas que lhes possibilitem um sonhar com futuro digno (CAVALLEIRO, 2006, p. 100).

Referindo-se à percepção da criança negra sobre o preconceito e a discriminação racial, Cavalleiro (2006, p. 98) ressalta que: “Essa percepção compele a criança negra à vergonha de ser quem é, pois isso lhe confere participar de um grupo inferiorizado dentro da escola, o que pode minar a sua identidade”.

Silva (1995:36), referindo-se ao surgimento da consciência racial em crianças, relata que já aos quatro anos, crianças podem apresentar fortes indícios de intolerância racial, compreendidos como sinais da constituição de uma precoce identidade étnica. “Assim, desde a infância, podemos nos identificar com nosso grupo de referência, comparando-nos com indivíduos de outros grupos”.

A consciência racial se for apreendida negativamente pode interferir na construção da identidade daqueles que sofrem com o preconceito e a discriminação racial no seu espaço social. Referindo-se à construção da identidade Silva (1995, p. 37), ressalta que:

[...] na construção da identidade, é necessária a preservação da memória coletiva dos vários grupos. A memória coletiva daqueles, cuja cultura não é dominante, será o agente catalisador da afirmação da identidade étnica. A busca desta identidade implica o cultivo das tradições culturais do grupo dominado e a releitura de sua história. A religião, os mitos, as lendas, a ideologia serão necessários a este processo de identificação cultural. Em sociedades multi-raciais, o impedimento destas manifestações inferioriza o grupo dominado, criando-lhe um distúrbio de identidade.

Várias pesquisas sobre a identidade têm comprovado a existência de discriminação racial no espaço escolar e isso tem comprometido a construção da identidade do grupo negro. “A escola tem perpetuado desigualdades de tratamento e minado efetivas oportunidades igualitárias a todas as crianças. Sabemos não ser tarefa apenas da educação a transformação da sociedade. Mas esperamos que ela acompanhe as transformações sociais e as mudanças históricas” (CAVALLEIRO, 2006, p. 99).

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar; racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**; 5. ed - São Paulo: Contexto, 2006.

HAAL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, Tomaz T. (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HAAL, Stuart. **Identidade cultural na pos modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva: DP&A Editora. 7ª edição – São Paulo. 2005.

GONÇALVES, Vanda Lúcia Sá. **Tia, qual é o meu desempenho? Percepções de professores sobre o desempenho escolar de alunos negros**. Dissertação de Mestrado. Cuiabá/MT – UFMT/IE, 2006.

OLIVEIRA, Iolanda de. **Desigualdades Raciais: construção da infância e da juventude**. Niterói; Intertexto, 1996.

PINHO, Vilma Aparecida de. **Relações raciais no cotidiano escolar: percepções de professores de Educação Física sobre alunos negros**. Dissertação de Mestrado. Cuiabá/MT – UFMT/IE, 2004.

SILVA FILHO, José Barbosa. História do negro no Brasil. In: População negra e educação escolar. In: OLIVEIRA, Iolanda; SISS Ahyas (orgs.). **Cadernos Penesb nº. 7**; Rio de Janeiro/Niterói – Quartet/EdUFF, 2006.

SILVA, Nelson do Valle. Morenidade: modo de usar. **Caderno Cândido Mendes. Estudos Afro-Asiáticos 30**,1996.

_____. Uma nota sobre ‘raça social’ no Brasil. **Caderno Cândido Mendes. Estudos Afro-asiáticos, 26**, 1995, p. 67-80.

Recebido: 07/10/2011

Aprovado: 21/10/2011

